PREVALÊNCIA DE VARIANTES HEMOGLOBÍNICAS EM RECÉM-NASCIDOS NO MUNICÍPIO DE CABACEIRAS DO PARAGUAÇU-BA

Tamires dos Santos Santana[1]; Balbino Lino dos Santos[2]; Tharcilla Nascimento da Silva Macena[3]; Wagner Gonçalves Macena[4]

A anemia é uma das doenças mais antigas da história da medicina, apresentando uma elevada prevalência e incidência em todo o mundo, sobretudo nos países subdesenvolvidos. Diversos fatores estão envolvidos nas causas das anemias dentre eles estão os nutricionais, fisiológicos, metabólicos, medicamentosos, hemorrágicos e hereditários sendo estes caracterizados pela diminuição funcional da hemoglobina circulante. Dentre as anemias hereditárias, são caracterizadas por apresentarem mutações gerando hemoglobinas variantes destaca-se a anemia falciforme, uma hemoglobinopatia de característica autossômica recessiva, decorrente da substituição de uma Adenina por uma Timina levando a alteração do aminoácido conhecido como ácido glutâmico (GAG) pela valina (GTG), na posição seis da cadeia beta (*β) da hemoglobina.* Essa alteração resulta na instabilidade da molécula, devido a perca de cargas elétricas e como conseqüência ocorre à formação de polímeros na molécula de hemoglobina e o afoiçamento dos eritrócitos. Esta doença originou-se na África e estendeu-se para a Península Arábica, sul da Itália e Índia, chegando às Américas pela imigração de cerca de 3 a 4 milhões de africanos trazidos ao país como escravos. No Brasil esta doença distribui-se heterogeneamente, sendo mais freqüente na região do nordeste, em especial no estado da Bahia onde há um elevado grau de miscigenação. Diante do exposto, o presente trabalho teve como objetivo verificar a prevalência de casos de recém-nascidos vivos portadores da anemia falciforme e de outras variantes hemoglobínicas, que participaram da triagem neonatal no Município de Cabaceiras do Paraguaçu, dentro de um período de oito anos. Coletou-se dados de 1998 laudos de triagem neonatal arquivados na Secretaria Municipal de Saúde, onde foi avaliado o número de recém-nascidos com anemia falciforme no período de dez/2001 a mai/2008. Observou-se nos laudos examinados, que 13,1% dos recém-nascidos apresentavam variante S (Hb*S), 9,06% apresentavam variante C (Hb*C), e 77,84% apresentavam-se normais (HbAA). Dos 13,1% portadores da Hb*S, 88,5% apresentaram o traço falciforme (HbAS), e 11,5% apresentavam a doença falciforme (HbSS,HbSC, HbS/ *β*/TAL), sendo que desses 23,3% eram homozigotos (HbSS) e 76,7% eram afetados com a doença na forma heterozigótica (HbSC;HbS/*β/TAL)*, numa proporção de 52,17% *com*

[1]Estudante de graduação do curso de Biomedicina da Faculdade Maria Milza – FAMAM – Apresentador. Email: thamyssantana@hotmail.com
[2]Professor da disciplina Ciências Patológicas do curso de Biomedicina da FAMAM. Co-orientador.
[3]Professora da disciplina Genética Médica do curso de Biomedicina da FAMAM – Co-orientadora.
[4]Professor da disciplina Hematologia do curso de Biomedicina da FAMAM - Orientador.

HbS/β/TAL e 48,82% possuíam HbSC. O Brasil apresenta uma proporção média de 0,001% para a anemia falciforme, e a Bahia ocupa o primeiro lugar nas prevalências, isso se deve à presença dos negros na composição populacional. A partir das análises dos dados foi possível concluir que a região em estudo apresentou uma elevada prevalência (1,5%) quando comparada ao estado da Bahia (0,14%). Concluiu-se também que as formas heterozigóticas predominaram no município, o que dificulta o diagnóstico das doenças falciformes quando associadas às outras variantes de hemoglobina. Também foi possível observar uma elevada prevalência da hemoglobina C na população em associação com Hb*S. A alta prevalência de doentes falciformes nesta região é conseqüência do elevado grau de miscigenação, com grande contribuição dos afros descendentes que constitui a população do Município.

Palavras-chave: Anemia falciforme; hemoglobinopatias; epidemiologia